

A arte de SER porteiro

ONDE NASCEU

No Hospital Regional
da Asa Norte

ORIGEM FAMILIAR

O pai é potiguar, a
mãe é cearense

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

A malhação do Judas
na Semana Santa na
Ceilândia

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

A missa de Corpus
Christi na Esplanada
dos Ministérios

**Há 18 anos ocupando a guarita do bloco H da SQS 108,
Edvan adora o movimento das festas na Igreja
Nossa Senhora de Fátima e as serenatas natalinas**

Wenderson Araújo/Especial para o CB



EDVAN, PORTEIRO DO BLOCO H DA 108 SUL: HÁ 18 ANOS ELE ZELA DO PRÉDIO E DOS MORADORES

SOLANO NASCIMENTO

DA EQUIPE DO CORREIO

A SQS 108 é uma das mais antigas superquadras de Brasília. No bloco H, moradores guardam na memória histórias de deputados e políticos que ali viveram e a lembrança de um visitante famoso. “Parece que o JK morou aqui, mas acho que eu nem era nascido”, diz o porteiro Edvan Alves de Souza, que veio à luz em dezembro de 1969 e realmente não era nascido quando o fundador de Brasília andou por aquele prédio.

Na verdade, Juscelino Kubitschek não chegou a morar ali, mas freqüentava o bloco. A história é corrigida por Terson Carvalho de Araújo, 72 anos, que chegou ao Planalto Central em outubro de 1959 para ajudar na transferência da Câmara dos Deputados — instituição para a qual trabalhou por quatro décadas — para a nova capital. Ele explica que JK tinha à sua disposição o apartamento 608 daquele bloco, mas residia mesmo no Catetinho e só aparecia no edifício para fazer visitas. “Ele dava bom-dia pra gente, pois era muito educado”, conta Araújo. Cheio dos antigos apartamentos funcionais, o prédio abrigou muitos parlamentares e outros políticos, inclusive uma das mais próximas assessoras do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O pioneiro Terson Araújo elogia o trabalho do porteiro

Edvan Souza, que está no prédio há 18 anos. “É um ótimo rapaz, de boa conduta”, afirma. Souza, por sua vez, também se mostra feliz. “Rapaz, eu gosto daqui”, diz. “Os moradores são legais e eu trabalho na sombra”. O bloco H é um participante típico do cotidiano de Brasília. De seu posto, Souza vê a quadra se encher em dias de festa na Igreja Nossa Senhora de Fátima, uma das mais antigas e tradicionais da cidade. “Dá muito movimento”, conta o porteiro. Ele também gosta de ver a serenata natalina feita tradicionalmente em quadras sob responsabilidade da Universidade de Brasília. “Os cantos são muito bonitos”, elogia.

A trajetória de Souza até o emprego atual foi longa. Com apenas um ano de idade, a família se mudou do Núcleo Bandeirante para a Ceilândia, onde passou a infância. Jogos de futebol e bola de gude eram a principal diversão. “Da infância eu não tenho do que reclamar”, conta. “Era muito melhor naquela época, hoje as crianças só brincam com videogame e computador.”

O ganha-pão

O porteiro começou a estudar no Centro de Ensino 1, da Ceilândia, abandonou a escola na 6ª série, mas depois de adulto voltou às salas de aula e concluiu o ensino médio. A vida profissional começou cedo. Aos 13 anos, já trabalhava na Feira da Torre vendendo quadros pintados pelo marido de uma

prima. Pinceladas revelando paisagens, casas e naturezas-mortas passavam para as mãos de moradores e visitantes da capital. “Era divertido”, lembra Edvan Souza.

A experiência seguinte foi quase insólita. Souza ganhou dinheiro na rodoviária de Taguatinga preenchendo o formulário que acompanha bilhetes de passagem de viagens interestaduais. Seus clientes eram analfabetos e outras pessoas que não conseguiam colocar no papel as informações exigidas pelas empresas. Depois disso, uma carreira mais trabalhosa. Souza virou servente de pedreiro e ajudou a erguer edifícios na Ceilândia, na Octogonal e em outros lugares do DF.

Foi só então que um amigo porteiro de um outro prédio na SQS 108 avisou Souza da vaga no bloco H. Além de fazer o trabalho convencional na portaria, ele ajuda moradores com carrinhos de compras, carrega botijões de gás. “Quando a bateria do carro acaba, a gente empurra”, explica. Casado, pai de um menino de cinco anos, gosta de um churrasco com cerveja nos finais de semana e nem cogita deixar o DF. “Eu vou passar o resto da vida aqui mesmo”, garante. A categoria cresceu, e muito, nas quase cinco décadas de Brasília. Em 1960, no primeiro censo feito pelo IBGE na cidade, o total de porteiros, faxineiros e ascensoristas — reunidos em um único grupo — chegou a 476 pessoas. Hoje, o Sindicato dos Trabalhadores em Edifícios e Condomínios do DF estima que só os porteiros já sejam cerca de 10 mil.